

DOS BRASIS POSSÍVEIS: LEITURA E PRODUÇÃO DE CORDEL NA SALA DE AULA

Daniele Tavares Figueira¹
Marcelo Medeiros da Silva²

Resumo: A profissão docente constitui-se de vários elementos que a tornam dinâmica e mutável. Dentre os diversos aspectos que permeiam o “ser professor” está a sua capacidade de se reinventar e aprender continuamente através da reflexão sobre sua ação docente. É por meio desse olhar crítico/analítico sobre sua atuação e sobre a ação de demais colegas que o docente amplia seus conhecimentos e melhora sua prática pedagógica. Partindo dessa premissa, o presente relato tem por objetivo refletir sobre a minha participação como preceptora do Programa Residência Pedagógica da UEPB/Campus VI, subprojeto de Letras/Língua Portuguesa, e destacar as contribuições desse programa para a ampliação dos conhecimentos dos meus alunos e dos meus enquanto professora-preceptora. Ao longo do programa, foram desenvolvidas várias ações didáticas, todavia, detenho-me a analisar apenas a aplicação de uma sequência didática que foi executada com a turma do oitavo ano da Escola Municipal Bento Tenório de Sousa, abordando o gênero textual cordel. Sendo assim, farei uma breve exposição sobre essa experiência de leitura com o gênero citado, desde a motivação até os processos de leitura, escrita e reescrita do texto, etapas estas baseadas nas orientações didático-metodológicas de Cosson (2006). Nesse sentido, espero que as reflexões aqui expostas reforcem a importância de programas institucionais como esse que estreitam os laços entre a universidade e a educação básica, trazendo melhorias para o ensino público do nosso país. Ademais, diante dos resultados obtidos ao longo das aulas ministradas, destaco a necessidade de cada vez mais trabalharmos a leitura e a escrita em sala de aula de forma contextualizada e libertadora, considerando os gostos literários dos alunos, suas experiências de vida e estimulando sua criatividade e criticidade.

Palavras-chave: Autorreflexão, Prática docente, Residência Pedagógica, Cordel.

Introdução

O Programa Residência Pedagógica, desenvolvido pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), contribui para o aperfeiçoamento da formação inicial de professores da educação básica nos cursos de licenciatura, estabelecendo assim uma forte parceria entre as Instituições de Ensino Superior e a rede pública de ensino. É por meio dessa interação entre as universidades e as escolas públicas que diferentes conhecimentos são mobilizados para a problematização da realidade escolar, a criação de produtos educacionais, a ressignificação de práticas e metodologias de ensino bem como a ampliação dos saberes de

¹ Professora de língua portuguesa na Escola Municipal de Ensino Fundamental II Bento Tenório de Sousa; preceptora do subprojeto de Letras-Português do Programa de Residência Pedagógica em Monteiro-PB.

danieletfigueira@gmail.com

² Professor orientador. Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB; docente atuante nos cursos de Graduação e de Pós-Graduação da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB; e coordenador de área do subprojeto de Letras-Português do Programa de Residência Pedagógica em Monteiro-PB.

marcelomedeiros@servidor.uepb.edu.br.

todos os envolvidos nesse processo: alunos, professores em formação, preceptores e coordenadores.

Nas instituições escolares parceiras do programa, este se estrutura a partir da figura do coordenador de área, que direciona o trabalho, dos licenciandos, que efetivam as propostas didáticas no ambiente de sala de aula, e da professora da escola pública que, atuando como preceptora dos demais integrantes, possibilita a inserção dos licenciandos nas salas de aula e no cotidiano escolar. No meu caso especificamente, atuei como preceptora na Escola Municipal de Ensino Fundamental II Bento Tenório de Sousa, localizada no Sítio Santa Catarina, município de Monteiro/PB, na qual recebia semanalmente cinco licenciandos do curso de Letras/Língua Portuguesa do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba.

As atividades do programa Residência Pedagógica nesta instituição tiveram início em novembro de 2022. Primeiramente, os bolsistas foram acompanhar a nossa rotina pedagógica e compreender um pouco mais sobre a nossa realidade. Por ser localizada na zona rural, nos deslocávamos logo cedo para a escola, pois o ônibus passava às seis horas da manhã. Até o encerramento do referido ano letivo, o propósito era se apropriar daquela realidade para que posteriormente esses professores pudessem realizar as intervenções didáticas.

Durante o ano letivo de 2023, atuei nas turmas do 7º, 8º e 9º anos, todavia, as atividades do programa foram desenvolvidas apenas na turma do 7º e 8º ano, tendo em vista que o 9º ano participava de um outro programa (Educar para Valer) que tinha uma rotina de trabalho guiada por um material estruturado, fato que inviabilizava o trabalho dos residentes nessa turma.

Para a retomada das atividades, os bolsistas participaram da semana pedagógica da rede municipal de ensino, dos encontros formativos com o coordenador de área e observaram algumas das minhas aulas, para, posteriormente, iniciarem o período de intervenção. Ao longo do ano letivo, foram elaboradas várias sequências didáticas que contemplavam diferentes gêneros textuais e conteúdos gramaticais, todos selecionados previamente pela equipe de professores de língua portuguesa da rede municipal de ensino, que elaboravam uma sequência de conteúdos a serem explorados no bimestre por todos os professores de língua portuguesa da rede.

Dentre as sequências didáticas trabalhadas, detenho-me nesse relato a analisar apenas uma que abordava o gênero textual cordel. Escolhi analisar essa experiência, primeiro, pela minha identificação com o gênero, uma vez que sou uma grande apreciadora da literatura de cordel, segundo, pela relevância das abordagens e atividades desenvolvidas pelos residentes. Sendo assim, o objetivo desse trabalho é refletir sobre a minha participação no programa,

enquanto preceptora, bem como analisar o desenvolvimento da sequência didática com o gênero cordel.

O cordel na sala de aula: notas e reflexões de um percurso didático

A sequência didática aqui descrita foi desenvolvida no primeiro semestre de 2023 na turma do 8º ano, da Escola Laura Alves de Sousa. Ao longo de dez aulas, os bolsistas trabalharam o gênero textual cordel e também o conteúdo sobre variação linguística.

No primeiro momento, os residentes realizaram uma introdução ao gênero textual cordel por meio de uma sondagem inicial indagando se os alunos já tinham lido cordéis, se conheciam o processo de produção desses livretos, se tinham tido contato com o gênero em sala de aula, dentre outras questões. A interação dos alunos foi muito boa, inclusive, um deles, que estava ao meu lado, fez menção ao trabalho que desenvolvemos no ano anterior (“Ah! É aquele que a gente lia com a senhora lá no pé de árvore, né, professora?”). Abro um parêntese para mencionar que no ano anterior eu dedicava uma das minhas aulas para a leitura de cordéis e percebia o quanto eles ficavam eufóricos a cada nova leitura. Além disso, realizamos na época a produção de um cordel sobre a turma, para o qual cada aluno produziu uma sextilha sobre as características do colega. Foi um trabalho que me encheu de orgulho!

Voltando para o momento de acolhida, os residentes entregaram a cada aluno um cordel para que eles pudessem observar os folhetos, tocar os materiais, ler alguns títulos, perceber a organização textual, as xilogravuras presentes nas capas, enfim, compreender um pouco como funciona o gênero em questão. Dentre os folhetos entregues estava “O romance do pavão misterioso”, de José Camelo de Melo, que já havia sido lido pela turma e todos ficaram encantados com a narrativa. A turma foi dividida em grupos de acordo com o cordel recebido e os alunos foram apresentando informações sobre o texto. Ainda nesse momento, os alunos apreciaram a letra de música “Literatura de Cordel”, do cordelista Francisco Diniz. Por meio da projeção em vídeo e da letra impressa, os alunos puderam compreender ainda mais como funciona o gênero e quais suas marcas linguísticas mais preponderantes.

Após esse contato inicial, as residentes realizaram a motivação para a leitura do cordel por meio da música “Linforme Instravagante”, de Luiz Gonzaga. Os alunos acompanharam atentamente a letra e, posteriormente, responderam às indagações feitas sobre a canção estudada. Chamou muito a atenção dos alunos o fato de as vestimentas serem feitas das mais diversas iguarias da culinária nordestina. Assim, cada um ia pontuando trechos da música que de certo modo comprovavam suas respostas. A última pergunta feita fez um paralelo com outra

realidade, instigando os alunos a pensarem como seria se no lugar de “linforme” se houvesse uma cidade com características semelhantes à da canção de Gonzaga. Os alunos começaram então a descrever como seria essa cidade utópica, dando margem para a contextualização do cordel que seria lido logo em seguida: “Viagem a São Saruê”, de Manuel Camilo dos Santos. Para aguçar ainda mais a curiosidade, as residentes apresentaram o segundo elemento motivador que foi o ditado popular “Só em São Saruê, onde feijão brota sem chover!”. A partir de então, surgiram muitas suposições sobre esse diferente país.

Para a realização da leitura do cordel, as docentes organizaram a sala em formato de círculo. Nesse momento, houve uma maior dificuldade, pois mobilizava a sala como um todo e, nem todos queriam sair do lugar, mas, aos poucos, tudo se organizou e tivemos uma roda de leitura. Na ocasião, refleti sobre o quanto acabamos automatizados com a rotina de sala de aula e com o monitoramento do tempo, diante de tantas ações a realizar. Por vezes, suprimimos de nosso planejamento ações como essa devido ao tempo que irá levar. Entretanto, percebi o quanto a simples mudança na disposição das cadeiras promoveu uma maior concentração durante a leitura. Os alunos iniciaram a leitura compartilhada do texto e, como a aula acabou, finalizaram no dia seguinte. Vale destacar que, na oportunidade, retomamos a leitura do cordel na íntegra, pois essa quebra de leitura acaba dificultando a retomada do texto.

Para expandir a leitura e ampliar os conhecimentos dos discentes, as residentes partiram de questões interpretativas sobre o país descrito no cordel, para perguntas mais subjetivas sobre a identificação deles com essa realidade exposta no cordel e o interesse deles em residir em um lugar semelhante. Ainda nesse momento, apresentaram a seguinte indagação: “É possível transformar o Brasil em um país mais parecido com São Saruê? Como?”. Na ocasião, eles acharam pouco provável isso acontecer, mencionando, inclusive, a corrupção e violência como elementos que inviabilizariam essa associação. Essas inferências e associações mais profundas são fundamentais para desenvolver a capacidade de leitura e compreensão textual dos alunos, uma vez que, de acordo com Ferrarezi Jr e Carvalho (2017), é nos anos finais do ensino fundamental que a leitura cumpre um papel mais intuitivo. Nesse contexto, “nossas intuições e aquilo que já sabemos sobre o mundo e sobre as coisas poderão nos guiar por uma jornada de descobertas que permitirão fazer coisas mais maduras, responsáveis e produtivas com o que lemos” (p. 46). E é exatamente esse o movimento suscitado pelos bolsistas do programa: ampliar a experiência de leitura desses alunos, levando-os a refletir criticamente sobre o próprio entorno e a realidade social de que fazem parte.

Seguindo esse movimento de expansão do texto, os alunos tiveram acesso a uma breve explanação oral sobre o contexto de produção do folheto *Viagem ao País de São*

Saruê, abordando, dentre outros aspectos, as condições do Brasil no ano em que esse cordel foi publicado e também as questões que envolviam o Nordeste, como a miséria, escassez de alimentos, má distribuição de recursos, seca e a falta de chuva, tais problemas contribuindo para dificultar a sobrevivência em uma região assolada por diversos problemas também de cunho político (como o coronelismo). Destaco a importância desse contexto histórico, pois possibilita uma maior reflexão sobre os avanços da nossa região ao longo do tempo. Pelo fato de nossa escola estar localizada na zona rural, muitos familiares dos nossos alunos conhecem essas dificuldades bem de perto, entretanto, pela pouca idade, muitos de nossos estudantes desconhecem essa realidade enfrentada no passado.

Ainda nesse momento, as residentes apresentaram o quadro “Retirantes”, do pintor Cândido Portinari, para que os alunos comparassem com a realidade descrita no folheto em estudo. Imediatamente, estes começaram a falar das diversas diferenças existentes entre ambos, citando a pobreza, a tristeza, a seca e desnutrição bem perceptíveis no quadro, opondo-se a beleza, fartura e felicidade expostas no cordel. Posteriormente, por meio de uma atividade escrita, os alunos descreveram como seria um “Brasil ideal”. Esse foi um dos momentos mais significativos da aula, pois possibilitou que analisassem criticamente a atual situação do país, expondo o seu pensamento e idealização de uma nação mais justa, humana e igualitária.

Finalizado esse momento de expansão dos conhecimentos, as residentes realizaram a discussão/exposição das características do gênero cordel. Com base nos textos "Literatura de Cordel para a sala de aula", monografia escrita por Elvise da Conceição (2010), e "Acorda cordel em sala de aula", obra de Arievaldo Viana (2010), expuseram, oralmente, uma breve explicação apontando para a importância desse gênero em nossa sociedade. Logo em seguida, entregaram aos alunos o capítulo "Breve História do cordel" da obra "Acorda cordel em sala de aula" (Viana, 2010) que foi lido de forma compartilhada e debatido pela turma. Algo que chamou a minha atenção nesse momento foi elas irem chamando os alunos pelo nome para dar continuidade à leitura. Isso mostra o quanto já tinham se familiarizado com a turma e perdido aquele medo ou receio, demonstrado nas primeiras intervenções. Dando continuidade, baseadas nos textos "Literatura de Cordel para a sala de aula" (Conceição, 2010) e no capítulo "Técnicas do cordel" por Zé Maria de Fortaleza (Viana, 2010), as professoras explanaram, no quadro, as características do gênero, principalmente, as noções de metrificação. Para tornar esse momento ainda mais dinâmico, cada uma produziu uma estrofe a partir de “Viagem a São Saruê” e escreveram na lousa para a análise das sílabas poéticas. Esse momento foi muito interessante, pois os alunos ficaram encantados com as estrofes e já sentiram curiosidade para produzir suas

próprias sextilhas. Vejo que essa atitude fez grande diferença ao longo da explanação. Superlotados de tarefas e incumbências, muitas vezes, nós, docentes, não trabalhamos a nossa própria escrita. Ao trazer para o aluno uma produção própria, este percebe de forma prática a importância daquela atividade.

Depois de aprofundar os conhecimentos em torno do gênero, as residentes passaram para o momento da produção textual. Para tanto, fizeram menção à atividade realizada em sala de aula e solicitaram que cada aluno produzisse uma sextilha que respondesse à seguinte indagação: “Como seria meu Brasil ideal?” De início, escutamos muitos “eu não sei fazer isso!”, entretanto, logo nos deparamos com os primeiros rabiscos, versos... Ao analisar esse momento, constatei a grande relevância de parcerias como essa do Residência Pedagógica e a escola pública. Numa sala de aula de vinte e nove alunos, quatro docentes juntas para dar assistência no momento da produção faz toda diferença! É nesse contexto que vemos o famoso ditado popular se materializar: “A união faz a força!”.

Após essa produção inicial, as professoras corrigiram os textos e realizaram a reescrita em sala de aula, apontando, individualmente, o que precisava ser revisto no texto. Considero este momento fundamental, pois é necessário dar esse feedback aos alunos para que eles saibam em que aspectos precisam evoluir. Um grande desafio nesse processo é fazê-los compreenderem que não é para produzir um novo texto, mas sim aprimorar aquele que já foi escrito.

Após a reescrita, as docentes digitaram as sextilhas e montaram, em casa, o cordel produzido pela turma. Foi uma grande alegria no momento de compartilharmos a leitura das sextilhas produzidas.

Cada qual ao seu modo apresentou em versos a sua percepção de mundo, idealizando um Brasil que tenha alegria, paz, empatia, sossego, respeito ao meio ambiente, conforme podemos observar nos versos de uma aluna: “Quero um país alegre /com sossego e harmonia /com família e amigos /que tenha mais empatia / caráter e respeito / e com muito mais folia.” Observar o sorriso no rosto de cada aluno ao ver a sua estrofe naquele livreto não tem preço! É o que impulsiona o nosso fazer docente e nos faz ver que precisamos constantemente insistir, persistir e melhorar nossas ações em sala de aula.

No final do ano letivo, realizei com as turmas em que leciono um momento de culminância das atividades desenvolvidas na disciplina de língua portuguesa. E, sem sombra de dúvidas, essa ação fez parte deste momento. Na ocasião, os alunos apresentaram para os colegas, direção, supervisão e demais funcionários da instituição o cordel produzido nas aulas ministradas pelas residentes do programa Residência Pedagógica, conforme imagens abaixo:

A princípio, planejei uma culminância para ser realizada para toda a escola, entretanto, os alunos se recusavam a apresentar se fosse para outras turmas. Sendo assim, realizamos algo mais restrito, na expectativa de que numa próxima experiência estes alunos estejam mais adeptos à prática da oralidade em público. Diante dessa situação, percebi o quanto devemos ampliar as práticas de oralidade em sala de aula, pois, muitas vezes, despendemos grande parte do tempo para a resolução de exercícios e não priorizamos tanto momentos como esse.

Considerações finais

Ao rememorar os direcionamentos didáticos apontados pela sequência didática com o gênero cordel, bem como as minhas impressões sobre esse processo, percebo a necessidade de refletirmos constantemente sobre nossa prática docente. Como afirma Freire (2001, p.43), “[...] na formação permanente dos professores, o movimento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.” Assim sendo, estamos todos envolvidos em processo constante de transformação/evolução à medida que olhamos para o nosso fazer pedagógico e para as ações do outro como um importante meio de compreensão sobre o que é positivo ou não em nossa prática pedagógica. Nesse sentido, esse contato com outro, seja com o coordenador de área, seja com os bolsistas residentes, ampliou os meus conhecimentos e me fez perceber algumas das minhas limitações.

Durante o desenvolvimento da sequência didática aqui descrita, pude perceber a necessidade de trabalhar de forma mais sistemática e assídua as práticas de leitura e oralidade. Devido ao grande número de conteúdos a serem trabalhados em um bimestre, na maioria das vezes, nos limitamos a explorar apenas a leitura, interpretação textual e análise linguística de determinados gêneros. Os resultados da sequência didática desenvolvida, que teve como objeto o cordel produzido pela turma, apontam para a necessidade de repensar determinadas propostas didáticas. Foi por meio da experiência no programa residência pedagógica, bem como das formações em serviço realizadas pela rede municipal, que nosso grupo de professores de língua portuguesa começou a repensar alguns direcionamentos, principalmente, no tocante à leitura e à escrita. Tais discussões suscitaram a necessidade de ampliar os espaços de leitura nas aulas de língua portuguesa e, esse ano, já temos novas abordagens que possibilitarão um trabalho mais sistemático e contínuo com a produção de textos.

Ademais, diante dos resultados obtidos ao longo das aulas ministradas, destaco a necessidade de cada vez mais trabalharmos a leitura e a escrita em sala de aula de forma

contextualizada e libertadora, considerando os gostos literários dos alunos, suas experiências de vida e estimulando sua criatividade e criticidade

Destaco ainda a importância de ampliarmos a compreensão dos alunos sobre um determinado texto. Foi por meio da análise aprofundada dos mais diversos materiais levados para a sala de aula, que as residentes conseguiram estimular a criatividade e criticidade dos discentes sobre problemáticas sociais tão presentes no nosso país. A literatura de cordel possibilitou aos alunos uma viagem simultânea pelo mundo real e imaginário, despertando em cada um o desejo de construção de um país utópico, onde reina a igualdade, prosperidade, felicidade e honestidade. Será que esse país idealizado por esses adolescentes é impossível? A resposta a essa pergunta é bem emblemática, porém, não temos dúvida de que a educação é o caminho para a conquista de um mundo mais justo, igualitário e próspero.

Por fim, espero que as reflexões aqui expostas reforcem a importância de programas institucionais como esse que estreitam os laços entre a universidade e a educação básica, trazendo melhorias para o ensino público do nosso país.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 17.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FERRAREZI JR, Celso; CARVALHO, Robson Santos de. A leitura na escola. In.: FERRAREZI JR, Celso; CARVALHO, Robson Santos de. **De alunos a leitores**: o ensino da leitura na educação básica. 1. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017, p. 23-51.

CONCEIÇÃO, Elvise Shalimar Dias Franco Ribeiro da. **Literatura de Cordel para a sala de aula: sugestões sobre os usos**. 2010. Monografia (curso de pedagogia) - da faculdade de educação - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

VIANA, Arievaldo Lima (Org.). **Acorda cordel na sala de aula**. Fortaleza: Tupynanquim Editora / Queima Bucha, 2006.